

ALBERTO SALVÁ

Uma atividade lúdica

Entrevista a Alberto Silva

Espanhol de nascimento (Barcelona, 1938), Alberto Salvá se acha no Brasil desde 1952. Passou a dedicar-se à fotografia de cinema em 1963. Desde então, fez fotografia e/ou montagem de vários filmes. Em 1966, com outros jovens fundou o Grupo Câmara, que realizou em 1968 o longa-metragem de episódios **Como Vai, Vai Bem?** (Salvá dirigiu três episódios).

A seguir trabalhou em outro longa-metragem de episódios, **A Cama ao Alcance de Todos**, dirigindo uma das duas histórias. Depois, dirigiu sozinho outros cinco filmes: **Vida e Morte de um Canalha**, **Um Homem Sem Importância**, **As Quatro Chaves Mágicas** e **Os Maníacos**. Com **Um Homem Sem Importância** e **As Quatro Chaves Mágicas** Alberto Salvá conquistou a Coruja de Ouro de "melhor roteirista" relativa à temporada de 1971. **FC**



José Wilker e Marília Pêra em "Ana, a Libertina" — "um triunfo técnico"

FILME CULTURA — O que representa **Os Maníacos** em sua filmografia?

ALBERTO SALVA — A produção e filmagem de *Ana, a Libertina* (meu filme anterior) foi extremamente cansativa por causa de problemas intermináveis com a produção, e jurei nunca mais ter um produtor para mandar em mim. Consegui então uma máquina de filmar, negativo e o material necessário. Fiz uma sociedade com Victor di Mello mediante um orçamento ridiculamente baixo — mas, ainda assim, vantajoso para mim — e, segundo aquele princípio de não-interferência comecei a filmar devagar, durante os fins de semana, na casa onde estava morando, em Teresópolis.

Quem aparecia lá filmava. Os atores principais em sua maioria foram pagos ou com dinheiro ou com roupas arranjadas para o filme, mas sempre no clima da maior camaradagem. Fiz este filme com a descontração com que faria um Super 8. Um filme não é (mas acho que é) uma coisa bem engraçada, e a filmagem foi realizada muito mais de acordo — principalmente após o pesadelo industrial da fita anterior — com uma idéia que tenho de filmagem como atividade lúdica. Foi uma primeira experiência, mas pretendo voltar a filmes assim.

FC — Quais a história, ficha técnica e elenco do filme?

AS — A classe média neurotizada está de férias. As pessoas estão descansando mas não conseguem, nem por um momento, livrar-se de seus problemas, que carregam consigo onde estiverem.

Roteiro e fotografia: todo mundo fotografou ou inventou um pouco, mas se necessário assume Salvá. Montagem de Manoel Oliveira; Música: seleção de Roberto Rosemberg, balada de Joaquim Assis. Direção de produção: Phidias Barbosa; Assistente geral: Teresa Trautman. Direção, Alberto Salvá.

No elenco figuram Sandra Barsotti, Stepan Nercessian, Dilma Lóes, Rafael de Carvalho, Gracinda Freire, Moacyr Deriquem, Alberto Salvá, Teresa Trautman, Herbert Jr., Lady Francisco, Mary Neubeauer, Regina Celia, Claudio MacDowell, Domingos Oliveira e Lenita Plonckzynska.

FC — Os papéis principais estão bem defendidos?

AS — Não se pode dizer que alguém tenha "interpretado", no sentido comum do termo. Os atores se "divertiram". Quem conseguiu se divertir mais está melhor. Quem tentou levar a "sério" o papel ficou normal em um filme muito louco, e conseqüentemente ficou fora de linha. Mas isso aconteceu em pequeno grau. De um modo geral, gosto de todos os atores-collaboradores da fita.

FC — Qual a linha imprimida à fotografia, montagem e música?



Sandra Barsotti, Rafael de Carvalho e Moacyr Deriquem: "Os Maníacos"

AS — A fotografia de *Os Maníacos* é assinada por mim, se necessário, mas todo mundo fez câmara e segurou as luzes. Até o meu garoto de quatro anos — numa cena em que eu e Teresa (minha mulher) éramos atores. Depois que fiz o enquadramento, ele ligou o fio da bateria e rodou uma tomada, enquanto nós dois representávamos.

A montagem é de Manoel Oliveira, uma pessoa de quem muito gosto e com quem trabalho — em várias profissões, aliás — há 14 anos. Como é um filme constituído de 64 (sessenta e quatro, sim) histórias, qualquer coisa pode ser montada na frente ou atrás de qualquer coisa. De enlouquecer. Só sendo baiano e tendo muita paciência, duas condições que Manoel preenche perfeitamente.

A música é novamente seleção de Roberto Rosemberg (como em *Ana, a Libertina*) e com uma balada especial de um dos meus melhores amigos, Joaquim de Assis.

FC — Em *As Quatro Chaves Mágicas* você percorreu o universo infantil. Não voltará a fazê-lo?

AS — Dos meus filmes, *As Quatro Chaves Mágicas* é o que mais gosto. Ao vê-lo recentemente, consegui — eu, que o fiz — aprender coisas. Deve ser importante. Mas na época em que o realizei, quatro anos atrás, estava num estado de namoro com o mundo. Não foi difícil para mim entrar no universo infantil com uma pureza que hoje me é vedada. No momento, estou um pouco de mal com o mundo. São fases. O meu futuro filme infantil virá, e não será um filme bem comportado, porque os filmes infantis bem comportados são feitos pelos adultos para traír a causa infantil. Abaixo os adultos!

FC — Em seus filmes você não admitiria a colaboração de um argumentista?

AS — Para escrever um argumento destinado a filme meu não bastaria ser um bom argumentista (e há poucos), mas também escrever com profundidade maior que a minha sobre temas que me interessem no momento. Todos esses requisitos são difíceis de preencher, e por isso até agora tenho escrito meus próprios roteiros. A "Coruja de Ouro" que ganhei, aliás, foi como roteirista de *Um Homem Sem Importância* e *As Quatro Chaves Mágicas*. Em futuro breve estou pensando escolher um tema que me interesse e sobre o qual não tenha acesso perfeito devido à falta de dados culturais, etc., e entregá-lo para alguém escrever. Estou pensando seriamente em Dias Gomes, um sujeito que sabe ser profundo sem deixar de lado o espetáculo, e que conseguiu o impossível na TV: criar momentos ("O Bem Amado", por exemplo) ao nível de Garcia Márquez.

FC — Você fez uma experiência na televisão. Foi proveitosa?

AS — Na TV é tudo rápido demais para você poder dar atenção ao "artista" que há em você. E não há tempo para errar. Outra coisa: em cinema, quando o filme entra em cartaz, já está velho para o realizador. Na TV, você faz o trabalho e duas semanas depois já está no ar, assistido por 20 milhões de pessoas num prazo de um mês.

Em *Ana, a Libertina* trabalhei com duas câmaras simultaneamente: uma na mão de Hélio Silva, outra comigo. Em vez de gastar mais filme, isso economiza e facilita muito a montagem. No futuro, quero fazer filmes assim, sem grande estrutura, "teleplays" quase, de exe-

“... cinema se tornou para mim uma coisa mais séria, uma opção de vida mesmo”

cução rápida. Sente-se mais o pulso da obra assim, sem aquele aparato paquidérmico de cinema. Acho que o trabalho tipo TV corresponde e se adapta mais ao meu ritmo interno de criação.

FC — Como Vai, Vai Bem? (filme de episódios) foi seu primeiro longa-metragem? Como o vê, hoje, em sua filmografia?

AS — Foi uma fita de minha fase heróica. Adorei trabalhar em conjunto com muitas pessoas. Eram pessoas politizadas, muito jovens e idealistas. Em plena efervescência do Cinema Novo ninguém — ou quase ninguém — deu ao filme o mérito que ele merecia, mas como comédia de cunho popular talvez seja a melhor em muitos e muitos anos. Vi o filme recentemente. Ficou um pouco velho e está cheio de erros, mas tem ainda um grande poder de demolição, motivo pelo qual na época do lançamento feriu tantas sensibilidades abrandadas pelo “nouvellevagismo” brasileiro.

FC — Como está Ana, a Libertina, em sua filmografia?

AS — É o meu sétimo longa-metragem, o terceiro em cores. No início da minha carreira fiz alguns filmes compromissados com outros produtores. Logo após adveio um desgaste em decorrência disso, e resolvi partir para trabalhar com uma certa independência. Então passei

a atuar com orçamentos fechados e de baixo custo, sobre os quais co-produtores não hesitavam em se arriscar, já que qualquer bilheteria praticamente pagava o custo do filme. A condição que eu impunha era a de total independência no planejamento e execução da produção. Então criei vários filmes com poucos atores e equipe mínima.

Com o tempo, porém, acabei ganhando imagem de diretor de produção-B, coisa que não me agradava, além de restringir muito o tipo de história que eu podia tratar. Filmes com grande quantidade de atores, cenários construídos, etc., estavam fora do meu alcance.

Aí aconteceu que estava com um desses roteiros que não podia filmar com o meu tipo de produção, e tive de começar a apresentá-lo a outras produtoras de maior envergadura. Durante certo tempo fiz isso, sem muita paciência, aliás, já que as produtoras andam para estas coisas em ritmo de carro-de-boi. Mas quando já ia encostando o roteiro, Herbert Richers resolveu produzir.

O filme é um produto híbrido: tem os melhores atores, 16 cenários construídos em estúdio, gruas, “zooms” motorizadas etc., mas, em compensação, o realizei em 24 dias, incluindo as quatro folgas da equipe. O filme para mim, no plano pessoal, é um triunfo técnico. Como obra, é muito bem feito, ao nível

da melhor fita estrangeira, mas também com aquela dose de canastrice e lugar-comum da fita estrangeira. É filme de um homem de 36 anos, que bebeu sua cultura cinematográfica nos Fords e Wellmans da vida. Deste filme para cá, cinema se tornou para mim uma coisa mais séria, uma opção de vida mesmo, e não pretendo jamais fazer outro parecido.

FC — Quais a história, ficha técnica e elenco?

AS — Uma jovem mulher é encontrada morta em seu apartamento. Um velho amigo, agora delegado, investiga o caso e, através de “flash-backs” contados pelas pessoas envolvidas na trama — o ex-marido, a amante deste, o homossexual com quem a vítima morava e o próprio delegado — vai surgindo uma imagem complexa e controversa de um ser humano acima de tudo extraordinário.

Roteiro e direção de Alberto Salvá; fotografia de Hélio Silva; montagem de Alberto Salvá e Ulli Mantel; cenografia de Régis Monteiro; música (seleção) de Roberto Rosemberg; direção de produção de José Carlos e Abigail; assistência geral de Teresa Trautman.

No elenco estão Marília Pera, Edson França, Daniel Filho, José Wilker, Wilson Grey, Irma Alvarez, Annik Malvil, Gracinda Freire, Rafael



Marília Pêra e Daniel Filho: “Ana, a Libertina”



Regina Célia em "Os Maniacos"

de Carvalho, Stênio Garcia, Moacyr Deriquém e Zózimo Bulbul.

FC — Como ficaram a fotografia, montagem e música?

AS — O fotógrafo Hélio Silva (*A Hora e Vez de Augusto Matraga*) é um mestre. *Ana, a Libertina* foi o 42.º longa-metragem de sua carreira. Como também sou fotógrafo, me interessei pelo estilo dele. Ilumina sem complicação e sem esforço. Vai "tocando" as superfícies dos cenários com sua luz bem suave e sem falsos efeitos. Quase não há sombras, a não ser nas cenas de efeito obrigatório.

A montagem é minha e de Ulli, uma alemãzinha que sabe tudo sobre montagem (monta há 13 anos Brasil/Alemanha). O filme era muito maior do que é na montagem final (84 minutos), e numa certa altura foi um grande trabalho de seleção para ver o que iria cair. Ulli cortou sem dó e o filme está aí. De um rigor que eu, por conhecê-lo a fundo demais, nunca teria conseguido.

A música é uma seleção de Roberto Roesberg, meu amigo da TV Globo. Mostrei-lhe o filme uma vez e o mandei escolher a música. Três dias depois ele me mandou gravados em fita 16 trechos musicais. Não precisei pedir mais. Tudo serviu.



Edson França e José Wilker: "Ana, a Libertina"